

## **ATA DE REUNIÃO PLENÁRIA REALIZADA EM 16/10/2009**

Aos 16 dias de outubro de 2009 foi realizada a quarta reunião plenária departamental ordinária, coordenada por mim, profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, tendo como único ponto de pauta a apresentação do Horário previsto para o ano de 2010, considerando-se primeiro e segundo semestres. No expediente, a profa. Maria Elisa questionou a criação de uma sala de aula no Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMADI), dizendo que considera o referido espaço impróprio. A profa. Glória esclareceu que há o projeto de reforma do Laboratório foi elaborado por especialistas da UFSCAr e que tal reforma decorre de solicitação do Departamento de Geografia em função da inserção da Licenciatura no currículo de Geografia. A profa. Maria Elisa sugere a realização de uma reunião Plenária para discutir os espaços dos laboratórios e sua adequação ao uso como salas de aula. Prof. Yuri diz que considera paradoxal que o Departamento de Geografia tenha problemas com o uso de seu espaço; critica os problemas de inadequação de salas de aula, ressaltando problemas com acústica, e aponta para necessidade de se ouvir os alunos em plenária sobre este assunto. Profa. Glória faz esclarecimentos sobre problemas com salas de aula, lembrando que, em 2002, houve uma promessa da reitoria no sentido de construir novo edifício para abrigar salas de aula dos Departamentos de Geografia e História; a mesma ressaltou, ainda, a inadequação do prédio às funções que lhe cabem. A aluna Débora reforça as críticas feitas pelo prof. Yuri quanto às más condições infra-estruturais do prédio e reclama, também, de salas de aula lotadas. Profa. Maria Elisa coloca a necessidade de conversar com os alunos sobre o uso do espaço do prédio para festas. Profa. Glória esclarece sobre a estratégia utilizada pela Comissão de Ensino para pressionar a Reitoria à abertura de novos claros (isso se dá pela colocação, no horário, de disciplinas indicando-se “sem professor”). O aluno Hector questiona a Comissão de Ensino sobre choques de horário em algumas disciplinas. Profas. Glória e Sueli reconhecem os equívocos e anunciam que os mesmos serão corrigidos. O aluno João Vitor diz que, em grande parte, o que está se passando no prédio não são festas, mas assembleias; o mesmo se diz espantado com o fato de que esses eventos sempre existiram e não entende porque somente agora está-se discutindo isso; como se

resolve isso, pergunta João Vitor? O mesmo considera que a plenária departamental deve discutir esses problemas (festas, barulho, inadequação de salas de aula etc) e reitera a necessidade de se valorizar o espaço da plenária. O aluno Alan pergunta porque não há mais aulas no período da manhã e diz que se houvessem mais aulas de manhã isso poderia contribuir para aliviar parte das tensões pelo uso do espaço. Profa. Sueli responde dizendo que se decidiu, em reunião plenária, no passado, que não se alocaria aulas no período da manhã para atender a demandas dos próprios alunos, tais como a necessidade de se reservar parte do tempo da semana à realização de estágios. Alan reforça o que já havia seido dito por outros em plenária, ou seja, a necessidade de se priorizar as atividades didáticas, finalidade para a qual estamos todos reunidos no prédio em questão. Profa. Claudete relata experiência sua em sala de aula, ressaltando que, um dia, questionou os alunos sobre seu possível desejo de descer e participar de atividade que estava sendo realizada no vão do prédio; conforme a professora, os alunos se negaram, dizendo não estarem de acordo com o barulho e desejarem assistir as aulas. Profa. Elisa fala da possibilidade de se encontrar uma solução considerando a utilização de portas corta-ruído e reitera a necessidade de se assegurar a realização de atividades didáticas no prédio. A profa. Elisa ressaltou, várias vezes, não ser contrária a reuniões, festas ou outras manifestações de alunos. A aluna Débora pede para que pensemos sobre como fica “a cabeça” dos alunos, convivendo com tantos problemas; a mesma diz que nem mesmo os docentes se entendem. Profa. Claudete diz haver um mito de que os docentes não se entendem; relata a ocorrência de reunião docente neste mesmo dia, no período da manhã, a qual ela qualificou como de “excelente qualidade” e afirma estarem os docentes tentando resolver os problemas. Ao entrarmos na ordem do dia, passo a palavra à Profa. Sueli Ângelo, que inicia a exposição do horário 2010 lembrando que horário não é o mesmo que grade curricular; a mesma faz um esclarecimento preliminar: todo docente deve ministrar uma carga mínima de 12 hs/ano, incluindo orientação de TGI; comenta o número de vagas por disciplina, lembrando que o professor pode aceitar mais alunos do que o previsto no horário e, conseqüentemente, no Sistema Júpiter; a superlotação de salas, esclarece a profa. Sueli, decorre de dois fatos: um deles é o ingresso de 80 alunos por ano no diurno e 90 no noturno, significando, portanto, que, para se manter salas com até 40 ou 50 alunos, todas as disciplinas deveriam ser desdobradas; o outro

fato é que, ao longo do curso, parte dos alunos do diurno começa a freqüentar aulas no noturno, contribuindo para a superlotação das salas. Profa. Sueli salienta, por fim, que alguns docentes estão com carga abaixo de 12hs/ano em função de que parte deles estarão gozando de licença-prêmio e que esses casos deverão ser analisados pela chefia departamental. Feitos esses esclarecimentos, e diante do adiantado da hora (19h40), dei por encerrada a reunião. A lista com as assinaturas dos participantes desta reunião encontra-se anexa a esta ata.

## **ATA DE REUNIÃO DOCENTE REALIZADA EM 16/11/2009**

Aos 16 dias de novembro de 2010, na sala 07 do Prédio da História e Geografia, foi realizada uma reunião docente, convocada pelo prof. Dr. Jurandyr Ross, chefe do Departamento de Geografia, o qual coordenou a sessão, que teve um único ponto de pauta: a discussão do projeto Político-Pedagógico do Departamento de Geografia da FFLCH/USP. Participaram dessa reunião os professores doutores Valéria de Marcos, Glória da Anunciação Alves, Fernanda Padovesi, Ricardo Mendes Antas Júnior, Emerson Galvani, Maria Elisa Siqueira Silva, Tárik Rezende de Azevedo, Élvio Rodrigues Martins, Manoel Fernandes de Sousa Neto, Sueli Ângelo Furlan, Wagner Costa Ribeiro, André Martin, Maria Elisa Miranda, Antônio Carlos Colângelo, Claudete Junqueira Barriguella e Rita de Cássia Ariza da Cruz. André Martin ressalta a importância de se discutir a relação docência/pesquisa. Maria Elisa Siqueira questiona o peso dado à pesquisa no PPP e diz que acredita que o curso de graduação não forma pesquisadores, posto que estes se formam na pós-graduação. Tárik Rezende aponta para a polissemia da palavra “pesquisa” e a confusão entre pesquisa e estudo; conforme Tárik, lembrando uma fala do prof. Antônio Carlos Robert Moraes, o ato de pesquisar contém uma dimensão/profundidade diferente do ato de estudar, simplesmente. Manoel Fernandes não vê problema na dimensão que tem a formação para a pesquisa em nosso currículo; ao contrário, indica que todo aluno deveria ser formado para a pesquisa desde a mais tenra idade. André Martin lembra que no regime predominante de trabalho na universidade – “Dedicação exclusiva à docência e à pesquisa”, docência antecede pesquisa, como deveria ser, também, na prática; conforme o professor, o bom docente é um bom pesquisador, embora a recíproca nem sempre seja verdadeira. André ressalta, também, que a espontaneidade da pesquisa foi perdida e que a CAPES tem grande responsabilidade por isso. Maria Elisa Miranda fala da necessidade de termos mais fóruns para discutir esses assuntos, inclusive criando condições para ouvir alunos.; aponta, também, a necessidade de discutirmos também a escola pública, considerando que nossos alunos têm se colocado muito bem como geógrafos, mas apresentam dificuldades para se colocarem como professores, sobretudo nas escolas públicas; conforme a professora, não estamos conseguindo preparar nossos alunos para o ensino; a professora sugere a ampliação das disciplinas de PCC. Manoel Fernandes concorda com André no sentido de que a docência é nosso papel principal na universidade e lembra que temos TGI também porque é importante “saber escrever”; aponta para a necessidade de se propor uma nova escola pública, lembrando Paulo Freire: “não se trata de negar o velho porque é velho e aceitar o novo porque é novo”. Valéria lembra que nosso concurso de entrada não valoriza a docência, mas sim a pesquisa; lembra que se formou neste departamento sem ter uma única disciplina que a ensinasse a fazer pesquisa e que aprendeu isso por meio do conjunto de disciplinas; diz também que não conheceu o universo do ensino no bacharelado e que tinha essa expectativa com relação à licenciatura; destaca o papel da disciplina de psicologia da educação na sua formação, no sentido de revelar, em parte, o universo do ensino; aponta que a prática do PCC é ótima, mas que os professores não estão realizando essa prática de forma efetiva; diz que precisamos transformar nossa prática em sala de aula e acreditar, de verdade, que o ensino na escola pública é parte de nossa “missão”. Rita indica que, a partir das exposições dos colegas parece haver dúvida sobre qual profissional queremos formar, se professor, se pesquisador, se geógrafo ou se tudo isso junto. Claudete indica a existência de três campos de aproximação do debate em tela: o campo filosófico (o que), o campo

pedagógico (o como) e o campo político (o por que).; faz uma proposta no campo filosófico e aponta que está claro que nossa universidade pertence à modernidade e que, portanto, pensa a formação para o mundo a partir de três pressupostos: a universalidade, a individualidade e a autonomia. Jurandyr concorda com André e diz que o fundamental é a docência; ressalta o problema dos baixos salários nas escolas públicas como responsável, em parte, pelo afastamento de nossos alunos do ensino nessas escolas, sobretudo. M. Elisa diz que talvez devesse aparecer no PPP o que a gente pensa que é educação, o que nós geógrafos pensamos que seja a educação; diz que está se perdendo o caráter público da escola pública e ressalta que temos que retomar a luta pela escola pública; aponta que nossos aluno precisa conhecer a realidade da educação no país para poder, inclusive, posicionar-se crítica e politicamente sobre essa realidade. Sueli diz que tudo o que fazemos é currículo e que a formação de nossos alunos é fragmentada porque nós mesmos não articulamos nossos conhecimentos; neste sentido, ressalta a necessidade de maior integração entre o grupo de professores. Colângelo valoriza as falas do Manoel e da Claudete e aponta a necessidade de valorizar o indivíduo; diz que ninguém nos ensina a ser professor e que nos formamos professores ao longo da vida. Encerradas as falas, Jurandyr pede sugestões de encaminhamento e são apresentadas três propostas. Manoel sugere que todos venham para a próxima reunião com o texto do PPP lido e com propostas de emendas que serão discutidas, na hora, uma por uma. Claudete diz que a discussão do PPP é um processo contínuo e que, nesse momento temos de fazer isso por causa da exigüidade do prazo, mas que, a partir do próximo ano devemos discutir permanentemente o PPP, independentemente de sua “data de validade”. Rita propõe que seja designado um relator e sugere o secretário Orlando para isso, o qual deve receber a priori as propostas de modificação no texto do PPP, inseri-las com destaque no documento e enviar essa versão preliminar a todos os docentes ao menos 3 dias antes da realização da próxima reunião. Manoel oferece-se para revisar e analisar o texto construído pelo Orlando a partir das propostas de emenda. Essa proposta é aceita pelo grupo. É decidida a data da próxima reunião como dia 03 de dezembro de 2009.